

ILHAS QUE RESISTEM: Titanzinho, em Fortaleza; Arquipélago, em Porto Alegre⁴⁷

*Deisimer Gorczewski
Sabrina Késia de Araújo Soares*

Uma pesquisa em processo.

Na composição da pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre,⁴⁸ as singularidades dos territórios foram delineadas no processo de aproximações e dissensos entre experiências realizadas por pesquisadores, jovens e educadores das áreas de artes, comunicação, educação, sociologia e psicologia social em ações de pesquisa, extensão e ensino formal e não formal.

A pesquisa acompanhou in(ter)venções visuais, sonoras e audiovisuais em territórios de criação e resistência, na perspectiva de carto-

⁴⁷ Este capítulo foi composto no enlace de dois trabalhos: Gorczewski e Soares (2014), e Gorczewski et al. (2010), elaborados anteriormente, os quais foram retrabalhados e ampliados neste capítulo.

⁴⁸ A pesquisa foi realizada no Instituto de Cultura e Artes, em parceria com o Grupo de Pesquisa da Relação Infância de Mídia (GRIM), vinculado à Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, e com o Grupo de Pesquisa Educação e Micropolíticas Juvenis, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, além do Centro de Assessoria Multiprofissional (CAMP) e do Fórum de Educação (FERES), ambos em Porto Alegre. Mais detalhes podem ser acessados no blog da pesquisa: <<http://pesquisaintervencoes.blogspot.com.br/>>

grafar como os jovens (e seus coletivos) exercem o poder de intervir e inventar imagens e sonoridades de si e do mundo na configuração de práticas micropolíticas. Nesse sentido, a pesquisa foi conduzida a partir da pergunta-problema: o que podem as In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes?⁴⁹ A ambiguidade imposta pelo parêntese, que está incorporado à palavra intervenção, sugere alguns aspectos de análise e remete-nos a pensar nos seus múltiplos sentidos. Neste estudo, compreende-se o termo in(ter)venção relacionado às práticas que buscam interferir nos territórios existenciais e nas modalidades AudioVisuais – com o objetivo de perturbar seu desenvolvimento e, desse modo, reinventá-los (GORCZEWSKI, 2007).

O exercício de observar as cidades, em especial os cenários urbanos e os modos de intervir e inventar de jovens e suas expressões artísticas e comunicacionais, em distintas iniciativas e organizações coletivas e autônomas, sugere a ampliação do conceito de juventude em termos de modos de socialização juvenil. Essa é uma das questões que a pesquisa In(ter)venções analisou, em se tratando de processos de singularização em territórios de criação e resistência mobilizados por experiências artísticas e comunicacionais.

O estudo aconteceu em contextos urbanos distantes geograficamente e, ao mesmo tempo, com aproximações políticas e existenciais a serem detalhadas, posteriormente. A pesquisa foi realizada no período de dois anos e seis meses, entre 2011 e 2013. Durante esse período, acompanhamos processos inventivos envolvendo as artes e a comunicação, em especial os modos de criar e fazer circular produções visuais, sonoras e audiovisuais. Adotamos como analisadores os territórios de socialização juvenil, desde a convivência com amigos e vizinhos até a participação em projetos socioculturais, em grupos institucionalizados e/ou associações das mais diversas.

⁴⁹ “Partimos da questão proposta por Spinoza (2007) quando nos instiga com a pergunta: “o que pode um corpo?” Esse questionamento nos faz pensar acerca das forças que naturalizam ou que podem nos fazer ceder ao “deve ser assim” nos provocando a questionar o que temos feito como pesquisadores em nossos estudos e posturas científicas e sociais, em especial, em pesquisas nas temáticas que envolvem a relação com juventudes, artes e a comunicação audiovisual no cotidiano acadêmico e social” (GORCZEWSKI, et al., 2010, p. 6).

Como pesquisadores das temáticas que envolvem relações entre juventudes, comunicação, arte e micropolíticas urbanas, perguntamos: como construir estratégias metodológicas que propiciem conhecer o que é vivido nos territórios das juventudes e observar como os desafios têm sido enfrentados nas práticas de pesquisa, ensino e extensão? Uma das estratégias utilizadas para o exercício teórico-metodológico vem das contribuições da Pesquisa-Intervenção e da Cartografia.

A cartografia na pesquisa In(ter)venções

Na pesquisa In(ter)venções, a postura teórico-metodológica foi permeada por um diálogo permanente com os recentes estudos da epistemologia, das Artes e das Ciências Humanas e Sociais, problematizando questões transversais, tais como as relações entre pesquisa, ensino e extensão, convocando o debate de proposições inter e transdisciplinares e a relação da universidade com a cidade, em especial com os movimentos de criação e resistência juvenis que disparam – com suas intervenções urbanas e acadêmicas – provocações e questionamentos que nos forcem a pensar a relação entre arte, ciência e política.

Ao afirmar o ato de pesquisar como um exercício político de produção de conhecimento-subjetividade, novas linhas de pensamento e outros analisadores foram configurados na perspectiva da invenção de métodos e procedimentos que contemplem a análise das processualidades juvenis, suas experiências de criação e produção sonora (música e rádio), visual (grafite, fotografia) e audiovisual. A análise crítica das produções-produtos e de outros materiais de expressão também fizeram parte do inventário da pesquisa, constituindo um promissor acervo da pesquisa documental.

A implicação do pesquisador articula campo de pesquisa|intervenção e a análise permanente da postura|posição que ocupa, o que busca ocupar e o que lhe é designado – gênese social e teórica são indissociáveis. O conceito de implicação indica que não há polos estáveis sujeito-objeto, mas que a pesquisa se faz num espaço do meio, desestabilizando tais polos e respondendo por sua transformação. É nessa mesma direção que a Cartografia surge como um método de Pesquisa-

Intervenção (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2010) escolhido para mapear intensidades percebidas nos encontros com os jovens em seus fazeres artísticos, comunicacionais e comunitários.

Entre os estudos interessou as contribuições de Gilles Deleuze e Felix Guattari, bem como os desdobramentos propostos por pesquisas que entrelaçam fazeres e saberes das áreas de conhecimento em arte, comunicação, cinema e psicologia social. Algumas abordagens contribuíram para o processo de construção das cartografias, em especial os trabalhos de Santos e Barone (2007), Passos, Kastrup e Escossia (2010).

A cartografia tem como ênfase a dimensão processual da subjetividade, bem como o estudo de seu processo de criação e produção. Dos estudos da subjetividade, trazemos as referências da Socioanálise e da Análise Institucional, surgidas na década de 1970, na França. O trabalho da Análise Institucional pode ser visto como uma operação cujo efeito é a abertura de frestas de acesso ao invisível e indizível plano dos afetos, da escuta, do sensível, das intensidades, dos acontecimentos. Na releitura crítica desses estudos, a partir da década de 1980, surge a Esquizoanálise criada por Gilles Deleuze e Félix Guattari. O entendimento da Esquizoanálise, em se tratando da amplitude na composição do plano político e social, é reafirmado nas palavras de Foucault, citadas por Deleuze:

os processos de subjetivação não têm nada a ver com a ‘vida privada’, mas designam a operação pela qual indivíduos ou comunidades se constituem como sujeitos, à margem dos saberes constituídos e dos poderes estabelecidos, podendo dar lugar a novos saberes e poderes (DELEUZE, 1992, p. 188).

Cartografia é um termo que faz referência à ideia de mapa. Traçando as linhas gerais de como o cartógrafo vai compondo seu caminho, encontramos uma definição do que seja um mapa. Nas palavras de Deleuze e Guattari:

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantes. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens

de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo ou uma formação social (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22).

E, na própria constituição do mapa, são delineadas as características do território. Afinal, para inventar mapas devemos considerar que os tipos de linhas são muito diferentes – há linhas nas pessoas, nas tecnologias, nos aprendizados, na arte, mas também numa sociedade em movimento (DELEUZE, 1992).

Dar ênfase ao que acontece justo no deslocamento, seja ele geográfico, político, existencial, imagético, sonoro etc., passa a ser, neste estudo, um dos afazeres da microanálise. De outro modo, podemos dizer que, se algo passa, a cada deslocamento esta passagem figa o olho que atento observa e faz cartografia. Nem sempre é possível captar essas passagens a “olho nu”, ou ainda, “tirar de ouvido”. Nesses momentos, a cartografia convoca a potencialidade “vibrátil” do olhar (ROLNIK, 1989) e, nesse caso como pesquisadores-cartógrafos, acrescentaríamos um convite ao que faz vibrar a escuta, para assim tentar sacar detalhes, muitas vezes, imperceptíveis.

Territórios da pesquisa em Fortaleza e Porto Alegre

Um dos primeiros passos da Pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes, iniciada em 2011, foi a proposição de conhecer as intervenções dos participantes (pesquisadores, educadores e estudantes) em diferentes modos de organização de/com jovens (coletivos autônomos, associações, ONGs, alianças com diferentes organizações, entre outros) nas cidades de Porto Alegre e Fortaleza.

Nos encontros do Coletivo de Pesquisa, nas Rodas de Conversa e, nas Mostras Audiovisuais, inicia-se o mapeamento dos possíveis territórios da pesquisa tendo como referência a noção de território num sentido expandido, num sentido que:

[...] ultrapassa o uso que dela fazem a etiologia e a etnologia. Os seres existentes organizam-se segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido,

quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323).

Ao constituirmos um primeiro mapa das intervenções – a partir das experiências dos professores e estudantes (bolsistas e voluntários) e de suas redes de conversação, nas cidades de Porto Alegre e Fortaleza, passamos a delinear critérios de escolhas. A cada apresentação, alguns acontecimentos foram apontando para as “forças e intensidades” de cada possível território, em especial aqueles onde jovens expressam seus modos de intervir e inventar com as tecnologias sonoras, visuais e audiovisuais.

Nessa perspectiva, iniciamos a descrição do percurso trazendo, brevemente, os passos realizados na pesquisa, desde a escolha do território de intervenção, mais precisamente o coletivo de jovens que atua na Associação dos Moradores do Titanzinho, situada no bairro Serviluz, em Fortaleza, e o Projeto Lente Jovem, nas Ilhas de Porto Alegre.

Situar os territórios da pesquisa a partir da atuação de jovens na direção de uma Associação comunitária ou um projeto cultural e comunitário sugere a necessidade de problematizar o modo de conceber comunidade. Num primeiro estágio, o termo sugere um conjunto harmônico, de acordo com o significado da palavra, ou seja, comum-uniidade, mas na concepção desse estudo o termo “comunidade” representa o inverso. A comunidade é vista como uma multiplicidade de formas de produção de movimentos heterogêneos que se desestabiliza e se transforma.

Coletivo Audiovisual do Titanzinho – Serviluz / Fortaleza

Em Fortaleza, a pesquisa In(ter)venções convidou alguns coletivos, como Olho Mágico, Aparecidos Políticos e Acidum, as organizações não-governamentais (ONGs) Aldeia, Acartes e Zinco e pesquisadores com projetos de pesquisa e extensão afins, propondo encontros em formato de Rodas de Conversa, Oficinas e Intervenções Artísticas – dispositivos da pesquisa-intervenção. De forma ainda mais próxima, esteve presente a Associação de Moradores do Titanzinho, onde foram

realizadas Mostras AudioVisuais, entre outras intervenções, que nos levaram a encontrar distintas experiências comunitárias e juvenis e, ao mesmo tempo, conhecer modos de ser e habitar territórios geopolíticos e existenciais no Titanzinho, no Serviluz e arredores.

Fomos apresentados ao Titanzinho por Maria Fabíola Gomes, estudante do curso de cinema e audiovisual da UFC, moradora do bairro, integrante da Associação de Moradores do Titanzinho e também bolsista PIBIC-Funcap da pesquisa. Fabíola inicia sua apresentação no coletivo contando-nos o que acontecia no bairro, quais eram os movimentos juvenis, falando um pouco sobre a Associação de Moradores do Titanzinho, que tem na sua composição jovens moradores do bairro. E, na conversa, conta sobre a Rádio Comunitária feita pelos jovens do bairro. Uma rádio criada a partir do projeto “Farol da Memória”, que mobilizou os jovens e moradores de todas as idades, por meses. A pesquisa é então fisgada por essa peculiaridade do território geográfico e existencial e pela vontade de os jovens inventarem e intervirem com a rádio. Decidimos, então, caminhar por essa pista.

Com os encontros e as conversas, o Coletivo Pesquisador segue descobrindo outras potencialidades de investigação, e outras experiências começam a ser narradas. A cada relato, novos materiais de expressão foram mapeados – oficinas de rádio, fanzine, fotografia, vídeos, trabalhos acadêmicos, entre outros. Um dos integrantes do coletivo conta-nos que conhece um vídeo que foi produzido por uma pessoa do Titanzinho e, em seguida, outros estudantes comentam sobre outros vídeos e trabalhos científicos – monografias, dissertações etc. Outro pesquisador sugere iniciarmos uma cartografia dos vídeos relacionados ao Titanzinho em sites de compartilhamento e, nesse processo, deparamo-nos com um vasto material produzido entre curtas e videoclipes que nos tomaram com a força das imagens e, principalmente, com o desejo potente de criação e produção audiovisual.

Conhecemos também algumas experiências de projetos culturais e sociais propostos por ONGs. Além da Aldeia, que participou de uma Roda de Conversa, foram enfatizadas as experiências das ONGs Enxame e Serviluz sem Fronteiras – que atuavam na região envolvendo jovens e suas criações artísticas e comunicacionais. Tivemos acesso ao

vídeo “Titãs de Tábuas” – o *surf* de “taubinha” no Titanzinho – produzido por jovens da Escola de Mídia, projeto coordenado pela ONG Aldeia, no Morro Santa Terezinha, no Mucuripe.

Nas conversas, na Associação dos Moradores do Titanzinho, os jovens contavam experiências com o audiovisual e afirmavam o desejo de voltarem a criar e produzir imagens e sonoridades de si e do bairro. Com a realização da I Mostra Audiovisual do Titanzinho, em 2011, alguns jovens participantes e colaboradores da Associação dos Moradores retomaram o gosto pelo audiovisual, construindo novas experiências em criação, produção e edição em vídeo. Nesse processo, observamos a força das imagens de si e do bairro provocando desejos e motivando o ressurgimento de propostas antigas, como a criação de um Cineclube. Forma-se, assim, o Coletivo Audiovisual do Titanzinho, que procura, desde então, meios para a produção audiovisual local, entendendo-a como possibilidade de inventar outros modos de visibilizar o bairro e seus moradores, considerando a promoção da expressão artística e política de suas singularidades.

Os participantes do Coletivo trazem experiências e conhecimentos de outros projetos sociais e culturais, realizados no bairro, em anos passados. Atualmente, o Coletivo passa por um crescente movimento de auto-organização e autogestão, renovando antigas parcerias e construindo novas, impulsionados pelo desejo de se afirmarem como produtores e gestores audiovisuais, com questões e ideias próprias, trabalhando com narrativas que atualizam o debate em torno das problemáticas que envolvem o bairro e consideram a relevância dessas experiências, ampliando as possibilidades criativas e inventivas dos que vivem em comunidades periféricas.

Projeto Lente Jovem: Arquipélago Porto Alegre

Em Porto Alegre, a pesquisa acompanhou a experiência do Lente Jovem, em sua terceira edição, propondo experiências com a linguagem audiovisual aos jovens que vivem nas Ilhas, na região do Arquipélago. O projeto é coordenado pelo Centro de Assessoria Multiprofissional

(CAMP), com o apoio da Petrobras, desde a primeira edição.⁵⁰ Na pesquisa, em Porto Alegre, também foram acompanhadas algumas ações do Levante da Juventude, do Fórum de Educação da Restinga e Extremo Sul (FERES) e, pontualmente, ações da ONG Alice.

No exercício de pesquisa, encontramos os escritos publicados na coletânea *Memória dos Bairros*, em especial o estudo “Arquipélago: Ilhas de Porto Alegre”, composto por narrativas de moradores que apresentam suas trajetórias, modos de viver, habitar e, inclusive, de se divertir com a presença e o gosto por filmes, música e circo, como fica evidente no seguinte excerto:

nós tínhamos o cinema na Colônia, que era o seu Edgar que trazia uma vez na semana, eram uns filmes de mocinho, então era uma novidade, então enchia, lotava a Colônia. Durante a projeção do filme arrebatava o filme, acendia a luz e era aquela gritaria, então o pessoal levava laranja e comia lá dentro do cinema, o pessoal conversava e aí apagava a luz de novo e continuava o filme [...] tinha também circos com música ao vivo, circo era um sucesso aqui (GOMES; MACHADO; VENTIMÍGIA, 1995, p. 73).

Interessante observar a presença do cinema em distintos momentos, ou seja, desde as sessões de final de semana, no caso, cinema como espaço de encontro e diversão, passando também por espaço de realização, em especial, a produção do curta-metragem “Ilha das Flores”,⁵¹ do diretor e roteirista Jorge Furtado, uma produção um tanto polêmica que repercute, ainda hoje, nas vidas dos moradores do Arquipélago, em Porto Alegre. E, mais recentemente, a experiência com

⁵⁰ São apoiadores do projeto a Associação de Catadores de Material Reciclável, da Ilha Grande dos Marinheiros, a Rede Integrada de Proteção à Criança e Adolescente do Arquipélago, a Fundação Fé e Alegria – Ação Rua – e a Usina das Ideias. Disponível em <http://www.camp.org.br/?canal=lentejovem>.

⁵¹ *Ilha das Flores* recebeu o prêmio de melhor filme, melhor roteiro e melhor montagem no Festival do Cinema Brasileiro de Gramado em 1989, sem falar dos mais de onze prêmios no Brasil e de ganhar sete prêmios internacionais, entre eles o Urso de Prata para curta-metragem no *International Film Festival* de Berlim na Alemanha em 1990. Sem dúvida, esse foi um dos mais premiados curtas-metragens do mundo.

o Projeto Lente Jovem,⁵² onde jovens exercitam a linguagem audiovisual criando e produzindo imagens e sonoridades de si e das ilhas,⁵³ inclusive, na última edição, foi produzido um vídeo problematizando o filme “Ilha das Flores”, agora, como nomeiam, na versão dos ilhéus. Um estudo que problematiza o processo de criação e edição deste filme, entre outras in(ter)venções AudioVisuais do Lente Jovem, pode ser analisada no capítulo “Lente Jovem e o ponto de vista dos Ilhéus” deste livro.

As Ilhas que resistem: territórios geopolíticos e existenciais

São muitas as formas de viver e habitar uma cidade. São também muitos os modos de uma cidade apresentar-se a cada um de nós. Entre as distintas problemáticas que envolvem as cidades de Porto Alegre e Fortaleza, seus bairros e seus moradores, visualiza-se a prioridade desta pesquisa ao tratar de questões ligadas aos modos e às condições de viver dos jovens investigados. Isso provoca a produção de uma cartografia de suas formas de socialização, intervenção e invenção artística e comunicacional, em especial expressões audiovisuais produzidas em projetos sociais e culturais organizados por jovens em ONGs, em alianças com elas ou por coletivos autônomos.

Na contextualização desta pesquisa, evidenciamos aspectos sociais, culturais e geopolíticos de Porto Alegre e Fortaleza, atravessados por circunstâncias que atingiram distintos domínios de existência em nosso país. Por um lado, o complexo espaço urbano de Fortaleza, com suas dezenas de bairros, remonta um pouco a aglutinação de muitas cidades do país, principalmente no que se refere às cidades da região nordeste.⁵⁴

⁵² O projeto, criado por Mauricio Farias, Beatriz Hellwig e Álvaro Benevenuto, tem na coordenação as educadoras Daniela Oliveira Tolfo e Beatriz Gonçalves Pereira, que também coordena o projeto Arquipelago – Território de Direitos.

⁵³ Na 3ª edição, os jovens produziram cinco vídeos com a assessoria dos educadores Leonardo Dorneles (musicalização), Hopi Chapman e Alberto Souza (criação e produção audiovisual – captação de imagens, roteiro e edição). São eles: *Semana das Ilhas 2011*; *Os carroceiros II*, *Drogas*; *Ilha das Flores (ponto de vista dos ilhéus)*; *Levante Popular da Juventude*.

⁵⁴ De acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

O relatório *Situação das Cidades do Mundo 2010-2011*, divulgado pela Organização das Nações Unidas durante o V Fórum Urbano Mundial, apresenta a cidade de Fortaleza em 13ª colocação entre as cidades do planeta com mais desigualdades.⁵⁵ Os números acabam por apontar desafios a serem enfrentados pelo poder público, bem como organizações e coletivos da sociedade civil.

Vale atentar que em meio aos contextos de precariedade e segregação, em se tratando de juventudes e condições juvenis, inúmeras são as iniciativas encontradas – sejam elas no formato de coletivos, organizações e associações de bairro, grupos de amigos e vizinhos –, que mobilizam processos de criação e resistência alargando as potencialidades artísticas, comunicacionais e comunitárias.

No caso de Fortaleza, aproximamos dois contextos particulares em regiões litorâneas – Pirambu e o Grande Mucuripe.⁵⁶ O Pirambu é o sétimo maior em concentração de domicílios em aglomerados⁵⁷ no país.

(IBGE), em 2010, a cidade de Fortaleza ocupava o quinto lugar em população, somando um total de 2.447.963 pessoas. No caso de Porto Alegre, a cidade está na décima posição com 1.409.939 habitantes. E, em relação à população jovem residente em Porto Alegre, os dados indicaram 17,4% em 2009.

⁵⁵ Além de Fortaleza, outras seis cidades brasileiras: Goiânia, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo. No relatório, são apresentados critérios tais como: “Cinco são os catalisadores necessários para integrar os pobres e marginalizados na vida urbana estabelecida: melhor qualidade de vida, investimento na formação do capital humano, oportunidades econômicas sustentadas, melhor inclusão política e inclusão cultural” (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2011, p. 27). Fortaleza também enfrenta problemas, sobretudo no que se refere à violência urbana. De acordo com o Mapa da Violência 2011 considerando os anos de 1998 a 2008, a cidade era a 6ª capital nordestina em números de homicídios entre jovens, apresentando 86,3%, e ocupando a 17ª posição no ranking nacional. BRASIL. Ministério da Justiça. *Mapa da violência 2011: os jovens do Brasil*. São Paulo: Instituto Sangari, 2011. Disponível em: <http://www.observatorioseguranca.org/pdf/2011mapa_Viol%EAnca.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2012.

⁵⁶ De acordo com informações do IBGE, em 2010, Fortaleza é a quinta capital do país a concentrar o maior número de domicílios em aglomerados considerados subnormais. PIRAMBU, em Fortaleza, é 7º maior aglomerado do país, diz IBGE. *G1 Ceará*, Fortaleza. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2011/12/pirambu-em-fortaleza-e-7-maior-aglomerado-do-pais-diz-ibge.html>>. Acesso em: 21 jan. 2012.

⁵⁷ É considerado aglomerado um conjunto constituído por no mínimo 51 (cinquenta e uma) unidades habitacionais (barracos, casas), ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) dispostas, em geral,

No Serviluz, de acordo com o censo 2010, os números apontam para cerca de 480 domicílios localizados em aglomerados subnormais.⁵⁸

Considerado por alguns pesquisadores “como sendo apenas mais uma ramificação marginal do velho Mucuripe”, o Serviluz, nos estudos de Nogueira (2007, p. 14)⁵⁹ – jovem pesquisador, morador e participante da Associação dos Moradores –, é visto como “um processo histórico instigante em um emaranhado de conflitos e resistências intrigas e partilhas”. Tais modos de análise foram constituídos em narrativas ímpares de moradores que, como o autor, reconhecem na trajetória do bairro a presença de uma força singular e coletiva.

Nas palavras de uma das entrevistadas de Nogueira (2007), encontramos um modo de apresentar esse que também passou a ser o território de nossa pesquisa, em Fortaleza:

[...] A comunidade é nós, todo mundo junto. A comunidade que eu entendo, e é, a gente tem que trabalhar todo mundo junto, mãos dadas [...] você sabe que uma vara quebra, duas varas, três varas quebra, mas quatro, cinco, seis ela já não quebra mais [...] isso é meu entendimento, a comunidade é nós tudo reunido, tudo unido, isso é que é a comunidade (NOGUEIRA, 2007, p. 90).⁶⁰

A cidade de Porto Alegre também convive com uma parcela significativa de moradores vivendo em núcleos e “vilas irregulares”, espaços que constituem o que as políticas governamentais denominam como: a “subnormalidade”.⁶¹ Com problemáticas conjunturais e, de

de maneira desordenada e densa, e carentes, em sua maioria, de serviços públicos e essenciais (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).

⁵⁸ De acordo com o IBGE, aglomerado subnormal é o equivalente a assentamentos irregulares conhecidos como favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, resacas, mocambos, palafitas, entre outros (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).

⁵⁹ Mais detalhes sobre o Mucuripe, Serviluz e o Titanzinho podem ser encontradas no capítulo “Da pesca ao surfe: Natureza, cultura e resistência na Praia do Titanzinho em Fortaleza” de André Aguiar Nogueira, nesse livro.

⁶⁰ Entrevista concedida por Maria Ferreira Dias ao pesquisador Nogueira em 31 de junho de 2006.

⁶¹ De acordo com os dados do Mapa da Irregularidade Fundiária de Porto Alegre, cons-

certo modo, estruturais, a cidade vem se desafiando e sendo desafiada. Ao compor um restrito rol de cidades que servem de referência mundial nos quesitos democracia e participação popular, essa metrópole afirma seus avanços sinalizando as ações que foram possibilitando tão valiosos e escassos atributos, contrastando-se com as paisagens nacionais e mesmo internacionais. Com o mérito de ter iniciado e mantido, ao longo dos anos, uma proposta de democratização de Orçamento Participativo (OP),⁶² experiência que vem lhe retornando prestígio e intensa visibilidade pública.⁶³

O Arquipélago, bairro da cidade de Porto Alegre, desde a sua geografia, onde convivem populações ribeirinhas, apresenta especificidades e complexidades que demandam políticas com intervenções diferenciadas dos demais bairros da capital. Formado por ilhas e porções continentais com regiões de banhados, campos inundados e matas, situa-se no encontro dos rios Gravataí, Sinos, Jacuí e Caí, inserido no Parque Estadual APA Delta do Jacuí. No município de Porto Alegre, fazem parte dezesseis ilhas e, entre as mais conhecidas, encontramos a Grande dos Marinheiros, a do Pavão, a Pintada, a das Flores, a da Pólvora e a Mauá, que fazem parte da décima sétima região do OP.

Nos próximos capítulos trataremos análises mais detalhadas de distintas experiências com jovens e suas In(ter)venções AudioVisuais, em ambas as cidades.⁶⁴ E, para finalizar este capítulo, vale a pena

tatou-se a precariedade de 73.392 moradias, que abrigam uma população de 287.161 habitantes com uma densidade domiciliar de 3,91 habitantes/domicílio. Segundo os dados deste mapa, os núcleos e vilas irregulares atingem 14,57% das residências porto-alegrenses.

⁶² O Orçamento Participativo consiste em um processo onde a população decide sobre as prioridades de obras da prefeitura do município.

⁶³ Em 2012, Porto Alegre recebeu a XII Conferência do Observatório Internacional de Democracia Participativa (OIDP). Neste evento, apresentamos aspectos da pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes no painel “A procura de democracias de alta intensidade, a partir das contribuições das artes visuais”. Mais informações podem ser encontradas no site: http://lproweb.procempa.com.br/pmmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/bloco_final_portugues.pdf

⁶⁴ Neste livro, a seção “O que podem as In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes?” apresenta um panorama da pesquisa In(ter)venções, com distintos ângulos e problematizações.

atentar para as singularidades dos territórios da pesquisa, bem como as aproximações, em se tratando de comunidades periféricas litorâneas e ribeirinhas.

O Serviluz, em Fortaleza, e também as ilhas, em Porto Alegre, não estão na rota de visitação ou mesmo no percurso cotidiano das cidades. São territórios afastados, isolados do restante dos bairros e regiões. Além do Serviluz, região onde se localiza o Titanzinho, também o Pirambu, em Fortaleza, são bairros que se configuram como ilhas urbanas. Espaços onde conhecer implica a vontade e a decisão de ir cruzando as linhas de segregac o e inventando percursos de conexão, por exemplo, com as potencialidades dos fazeres e saberes artísticos e comunicacionais, exercício que a pesquisa vem realizando, convidando jovens e moradores desses bairros a participarem de Rodas de Conversa, Oficinas, Interven es e Mostra AudioVisuais, entre outras proposi es.

Com as ilhas, em Porto Alegre, acontece da mesma forma, por ser uma região onde as pessoas conhecem por alguma circunstância ou condi o específica, o desejo de conhecer   um dos principais impulsores para fazer com que alguém se desloque até o território. No entanto, diferente de Fortaleza, a configura o geográfica e o contexto de ilhas   o que mais a isola da cidade. E, assim como em Fortaleza, são territórios muitas vezes esquecidos e segregados do convívio, em nossas cidades, provocando o debate sobre as condi es – políticas, urbanas, sociais, culturais, afetivas etc. – vitais para a inven o e fortalecimento da experiência coletiva e singular.

Em meio ao cotidiano dos centros urbanos, sobretudo nas ruas e bairros de nossas cidades, os jovens com suas in(ter)ven es fazem emergir composi es potentes de sentido em multiversos que, por vezes, se mostram geograficamente distantes e, ao mesmo tempo, próximos em se tratando de territórios existenciais. Esses territórios, com suas especificidades, têm mostrado a capacidade de articula o e socializa o entre organiza es e coletivos, em grande parte constituídos por jovens artistas e comunicadores.

Pesquisar as In(ter)ven es AudioVisuais com Jovens em Fortaleza e Porto Alegre proporcionou um exercício intenso e alegre onde a emergência de afetos – como estado do corpo onde a potência de

agir é ampliada ou diminuída, impulsionada ou impedida – colocou em questão o poder de afetar e ser afetado, expandindo as potências de intervir ao inventar práticas micropolíticas com imagens e sonoridades.

Um panorama mais detalhado dos processos de pesquisar, intervir e inventar com jovens, em Fortaleza e Porto Alegre, poderá ser acompanhado nas leituras dos próximos capítulos.

Referências

PIRAMBU, em Fortaleza, é 7º. maior aglomerado do país, diz IBGE. *G1 Ceará*, Fortaleza. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2011/12/pirambu-em-fortaleza-e-7-maior-aglomerado-do-pais-diz-ibge.html>>. Acesso em: 21 jan. 2012.

BRASIL. Ministério da Justiça. *Mapa da violência 2011: os jovens do Brasil*. São Paulo: Instituto Sangari, 2011. Disponível em: <http://www.observatorioseguranca.org/pdf/2011mapa_Viol%EAncia.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2012.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v.1.

GOMES, José Juvenal; MACHADO, Helena; VENTIMIGIA, Marise Antunes. Arquipélago: Ilhas de Porto Alegre. *Memória dos Bairros*. Porto Alegre: EU/Porto Alegre, 1995.

GORCZEWSKI, Deisimer. *Micropolíticas da Juventude e Visibilidades Transversais*: In(ter)venções audiovisuais na Restinga em Porto Alegre. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Santa Catarina, 2007.

_____. et al. *Projeto de Pesquisa: In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre*. Fortaleza: Instituto de Cultura e Arte: Universidade Federal Ceará, 2010.

GORCZEWSKI, Deisimer; SOARES, Sabrina Késia de Araújo. *Imagens de si e do mundo incidindo e fazendo emergir composições*

singulares e coletivas. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; LIMA, Fernanda Deborah Barbosa (Org.). *Arte jovem: redesenhando fronteiras da produção artística e cultural*. Rio de Janeiro: Gramma, 2014, v. 2, p. 7-36.

GUATTARI, Félix. *Caosmose*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix.; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do Desejo*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. *Censo 2010: Aglomerados Subnormais: primeiros Resultados*, 2011.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Estado das cidades do mundo 2010/2011 urbano dividido: resumo e principais constatações*. 2011. Disponível em: <http://agencia.ipea.gov.br/images/stories/PDFs/100408_cidadesdomundo_portugues.pdf>. Acesso 12 mar. 2013.

NOGUEIRA, André Aguiar. *Fogo, vento, terra e mar: a arte de falar dos trabalhadores do mar*. São Paulo: Secretaria de Cultura do Município de Caçapava, 2007.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia, ESCÓSSIA, Liliana (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SANTOS, Nair Iracema Silveira dos; BARONE, Luciana Rodriguez. Uma Pesquisa-Intervenção em Análise. Militância, Sobreimplicação ou Ato Político? In: MACHADO, Adriana M.; FERNANDES, Â. M. D.; ROCHA, Maria Lopes da (Org.). *Novos possíveis no encontro da psicologia com a educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 67-86.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.